

Os jogos de Paes

FUTURO POLÍTICO DO PREFEITO ESTÁ ASSOCIADO AO SUCESSO OU FRACASSO DA ORGANIZAÇÃO OLÍMPICA

PLÍNIO FRAGA

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DO RIO

O condutor do novo VLT (Veículo Leve sobre Trilhos), ícone da renovação do centro do Rio, demorou alguns segundos a decifrar a penugem à frente. Acionou um moderno sino digital, que reproduz por computador o badalo clássico, mas não pareceu ser ouvido. Foi obrigado à frenagem abrupta, para a surpresa de duas centenas de passageiros que trafegavam no VLT, às 18h35, na região da Cinelândia, em 23 de julho.

Uma galinha se postou à frente da composição, não se intimidou com o alerta do condutor e atravancou o trânsito. O condutor colocou o corpo para fora do trem e recorreu ao “xô!, xô!” para que a galinha desse um salto desajeitado e seguisse em direção ao Teatro Municipal, sem ser perturbada. Alguém disse que parecia um episódio da cáustica família Simpsons no Rio de Janeiro. Enfim, sob apupos, o moderno bonde continuou seu trajeto.

“Extra, extra: VLT salva galinha”, gracejou o prefeito do

Rio, Eduardo Paes, em uma rede social. Aos 46 anos, em seu segundo mandato pelo PMDB, quer provar que as transformações que comandou para a preparação da Olimpíada significam mais para a cidade do que o voo ineficiente e curto da galinha que atravancou aquele sábado do centro da cidade. Acha que o Rio está mais para pavão, que pode ostentar a cauda da revitalização.

Paes tem seu foco voltado para as 22h20, de 21 de agosto, horário para o qual está prevista a conclusão da festa de encerramento da Rio-2016, minutos depois de o prefeito passar a bandeira olímpica para a governadora de Tóquio, Yuriko Koike, que comandará os preparativos para a Olimpíada de 2020.

Se os Jogos no Rio tiverem transcorrido com segurança, eficiência e beleza, Paes poderá alavancar seu peso na escolha do sucessor neste ano e tornar-se favorito para a disputa ao governo do Estado do Rio em 2018. Terá vencido e se destacado. Ganhou o mundo, em jornais de países como Austrália e Nigéria, entrevista de Paes a uma agência de notícias na qual dizia o que

pretende fazer após o encerramento dos Jogos. “Vou tomar um porre. Vou ouvir samba e beber cerveja.”

Se os problemas da Rio-2016 ofuscarem sete anos de esforços para a transformação de balneário em cidade olímpica, a ressaca de Paes poderá ser gigantesca e obrigá-lo a cair no ostracismo ao lado de seu maior mentor.

Como parte de seu jogo olímpico, Paes reservou agenda para dar entrevistas à mídia estrangeira, com a estratégia de que a impressão de sucesso também precisa ser construída de fora para dentro, mesmo que à custa de um “sincericídio”. À CNN Paes disse que a segurança no Rio era terrível. Ao jornal inglês “The Guardian” declarou que a Olimpíada foi uma oportunidade perdida. Em ambos os casos, exibiu uma posição distante e olímpica —atitude estranha a quem está há quase oito anos no poder na cidade-sede dos Jogos, sem importar-se em atingir aliados com tal discurso.

Mas foi ao “Financial Times”, também inglês, a quem Paes se mostrou por inteiro: “Se você pegar os últimos dez prefeitos do Rio juntos, eles

fizeram menos do que o que eu fiz. Não é porque eu sou maravilhoso e bonito, com olhos azuis. Tudo aconteceu por causa da Olimpíada”.

O jornal definiu-o como “carismático”, dono de uma “confiança indomável”, e lembrou que já foi chamado de “nervosinho” ao trocar socos com um artista que o criticou em um restaurante.

Um colunista da agência de notícias econômicas Bloomberg explicou o que chamou de “o jogo extravagante do prefeito do Rio”. Se os Jogos forem conduzidos a contento e Paes se mantiver

fora das investigações de propina que enlameiam autoridades brasileiras, “estará cabeça e ombro acima do vergonhoso elenco que converteu os cargos mais altos do país em um ecossistema tão tóxico quanto as águas poluídas da baía de Guanabara”.

O texto chega a apontá-lo como nome potencial para as eleições presidenciais de 2018, tema que Paes não quer nem ouvir. Acha que se trata de estratégia para queimá-lo antes que a largada da disputa presidencial seja dada.

LEGADO

Eduardo Paes repete há sete anos conselho que disse ter ouvido do ex-prefeito de Barcelona Pasqual Maragall, que conduziu as transformações na Espanha em 1992: "A cidade deve se servir dos Jogos, e não os Jogos da cidade". Ouve em contrapartida os adversários lembrarem que a Olimpíada de 2004 faliu Atenas.

Um estudo divulgado nesta semana pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas avaliou a questão. A conclusão é que o Rio deve ficar no meio-termo. Igualmente distante tanto da eficiência e transformação de Barcelona quanto da desorganização e penúria de Atenas.

A Olimpíada manteve a economia carioca, ou pelo menos a renda dos cariocas, em trajetória ascendente, apesar da crise que assolou o país. Entre 2008 e 2016, a renda per capita cresceu 30,3% no município, ante 18,2% nos demais municípios do Grande Rio. Dois terços desse crescimento ocorreram nos últimos três anos, na reta final da preparação olímpica.

A notícia ruim foi que a desigualdade de renda per capita caiu pouco, indo de 0,55 em 2008 para 0,5438 neste

ano. A taxa carioca segue acima da média brasileira.

Entre 2008 e 2016, dos 25 pontos analisados pelo estudo, houve retrocesso apenas no tempo de transporte ao trabalho. O carioca perde cada vez mais tempo. Se os novos eixos de transporte público concluídos para os Jogos, como metrô, VLT e corredores de ônibus, mudarem essa realidade, aí estará o grande legado olímpico.

O cacife político de Paes estará à prova dois meses depois da Olimpíada, numa competição em que só o primeiro lugar importa. O prefeito escolheu seu braço direito, o deputado federal Pedro Paulo (PMDB), como seu candidato à sucessão.

A opção foi vista com reservas mesmo por aliados próximos do prefeito. Pedro Paulo até agora é mais associado a um rumoroso inquérito policial no qual foi acusado de ter agredido sua mulher do que a seu papel na Casa Civil e depois na Secretaria de Governo. É pouco conhecido dos eleitores, mas, entre aqueles que o conhecem, a rejeição é alta, em especial pelo episódio de violência doméstica.

Um mês após ser operado em razão de uma crise renal, Paes parece recuperado. Na semana passada esteve no restaurante Cachambeer, que serve seu prato predileto: costela assada no bafo. Paes afirma ter engordado 15 kg no período final da preparação da Olimpíada. Com 1,81 m de altura, superou os 100 kg.

Vencedor ou derrotado na Olimpíada, Paes já colocou na agenda do ano que vem dois compromissos para quando passar o cargo de prefeito do Rio: fazer dieta e dedicar-se a um ano sabático, com estudos na Universidade de Columbia, em Nova York.

Diego Padgurschi/Folhapress



Eduardo Paes carrega a tocha no Rio, nesta quarta



Se você pegar os últimos dez prefeitos do Rio juntos, eles fizeram menos do que eu. Não é porque eu sou maravilhoso, com olhos azuis. Tudo aconteceu por causa da Olimpíada

EDUARDO PAES

prefeito do Rio, em entrevista ao "Financial Times"